

OS ÍNDIOS INFIÉIS

Moacyr Flores *

As parcialidades charruas, minuanos, guenoas, iarós, mboanes e chanás habitavam ao sul do rio Ibicuí e Jacuí, no território da atual República Oriental do Uruguai e na província de Entre Ríos. Foram chamados de infiéis porque não aceitaram a vida cristã nas reduções. Os jesuítas conseguiram reduzir os guaraníes porque eles possuíam uma vida religiosa intensa, buscavam o Ivy-Maray e praticavam a agricultura. Estas características facilitaram o trabalho dos missionários de fixar os guaranis em reduções.

Os inacianos fracassaram nas tentativas de cristianizar os pampreanos porque estes índios não se fixavam em parte alguma. Antes do contato com o branco viviam da caça do avestruz, de aves aquáticas, veados, preás e da pesca durante o verão e a primavera, por serem épocas de desova. Índios sem paradeiros fixos, não praticavam a agricultura. Em contato com o branco, passaram a usar o cavalo, alimentando-se da carne de potro e de bovino. Ao derubar o animal, comiam apenas a carne das partes que ficavam para cima, abandonando o restante da carcassa, que apodrecia ao sol, obrigando-os a levantar acampamento por causa do mau cheiro. O toldo era um abrigo construído pela mulher, que pegava quatro varas da grossura de um dedo, fincava uma das pontas no chão, curvando a vara até que a outra extremidade também fosse enterada, dando ao paravento uma forma semi-esférica, cobrindo-o com esteiras de junco ou couro bovino. Ao seguirem suas manadas de éguas, os homens iam a cavalo conduzindo unicamente suas armas, as mulheres, chamadas de chinas, acompanhavam a pé levando as esteiras e filhos.

As missões do Tapê, fundadas a partir de 1626, empurraram os infiéis para o sul. Nesta mesma época os padres franciscanos reduziram charruas em San Francisco dos Olivares, missão localizada na ilha Viscaíno, confluência do Rio Negro com o Uruguai, e também os chanás na missão de San Juan de Céspedes, na ilha de São Gabriel. Dois anos após nada mais restava das reduções.

Há notícias de projetos de formação de encomiendas, ou seja

um território que seria doado a um espanhol, que receberia também os índios que nele habitassem, nas áreas dos charruas, o que não chegou a se concretizar. Em 1635, Manuel Frías Martel, recebeu uma encomienda e no ano seguinte Gaspar Godoy. Os charruas, guenoas, iarós e minuanos se converteram em habilíssimos guerreiros a cavalo, que manejavam com destreza a lança e a boleadeira, armas temíveis para o conquistador espanhol, armado com primitivas armas de fogo.¹

Em 1680 os lusos fundaram a Colônia do Santíssimo Sacramento, na margem esquerda do rio da Prata, contando com o auxílio dos pampeanos que prestavam serviço militar, trabalhavam como peões e forneciam gado e cavalos em troca de machados, facas e roupas. Milicianos espanhóis, comandando índios missioneiros, atacaram os pampeanos e sitiaram a Colônia.

Os espanhóis, procurando deter o avanço português em direção ao sul, ordenaram a fundação de novas reduções na margem esquerda do Uruguai. Surgiram assim os Sete Povos, em lugar das do Tapê destruídas pelos bandeirantes a partir de 1638. Os Sete Povos estenderam suas estâncias ao sul do rio Jacuí até o rio Camaquã e do rio Ibicuí ao Queguai, em territórios que antes pertenciam aos índios infieis. Ergueram capelas, casas de posteiros, mangueirões, casas de peões e capatazes. O gado que antes era livre e servia de alimentação aos pampeanos, agora pertenciam às estâncias missioneiras. Não adiantava os infieis argumentarem que estas terras pertenciam a seus avós, eram considerados como ladrões de gado pelos missioneiros.

Espanhóis de Santa Fé e Corrientes uniram-se aos missioneiros em ações punitivas, na primeira década de 1700. D. Alejandro de Aguirre, comandando mil índios missioneiros, acompanhados de 4 capelões e 2 enfermeiros jesuítas, levando 4 mil cavalos, 2 mil mulas e 2 mil vacas, buscou durante meses as toldarias dos iarós, mboanes, guenoas e charruas que estavam confederados no rio Yi, afluente do rio Negro, entre os paralelos de 33° e 34° de latitude sul. No dia 6.2.1702 o exército punitivo atacou os toldos. Os índios que conseguiram fugir, esconderam-se no mato onde lutaram durante 5 dias. Aprisionaram mais de 500 mulheres e crianças, que levaram para as reduções. E os homens? Os documentos silenciam².

Em 1704 o padre Bartolomeu Ximenez relatou que por duas vezes os iarós pediram missionários, mas abandonaram as missões para seguir seus antigos costumes. Nesta época os iarós, charruas e guenoas não chegavam a 600 homens em armas, destruídos que foram pelas guerrilhas e pestes. No ano de 1730 o padre Ximenez

conseguiu convencer 40 guenoas e levá-los a São Borja para serem batizados, mas o cacique Coroya matou outro cacique cristão, provocando a luta com os são-borjenses.

Em 1700 os changadores descobriram a Vacaria do Mar e extraíram couro e sebo do gado chimarrão, vendendo de contrabando aos portugueses de Sacramento e aos franceses que aportavam no litoral do Atlântico. Os portugueses desceram de Laguna a partir de 1725 em busca do gado e procurando manter contato por terra com Sacramento, ocupando com sesmarias de Tramandaí ao Guaíba.

No ano de 1726 os espanhóis fundaram S. Felipe de Montevideo, provocando reação violenta dos charruas contra as estâncias estabelecidas em torno da povoação. Realizaram **malones** em busca de cavalos, gado, fumo e erva mate. Os minuanos se uniram aos charruas na luta contra o inimigo comum, pois falavam a mesma língua e possuíam costumes semelhantes.

O padre Bartolomeu Ximenez foi enviado com índios guaranis e um guenoa cristão para tentar ajustar a paz com os chefes guenoas que estavam em pé de guerra com Montevideo, pois queriam vingar a morte de um de seus caciques e os raptos de 3 mulheres por espanhóis bêbados. O padre Ximenez conseguiu a paz temporária, que seria constantemente rompida pelas frentes de contato dos colonizadores que avançavam em território pampeano.

Os minuanos, que erguiam seus toldos junto ao rio Jaguarão, laguna Mirim e laguna Negra, entraram em contato direto com os portugueses que se estabeleceram na barra do Rio Grande, em 1737. Inicialmente os minuanos serviram de soldados, peões e fornecedores de animais aos lusos. Em dois anos a Vacaria do Mar estava destruída e os minuanos tiveram que se mudar para o outro extremo, junto ao rio Uruguai. Uma nova frente se formou, a partir de Rio Grande, engolindo os territórios dos índios infiéis.

O governador do Rio da Prata, D. José Andonaegui tomou providências para o ataque e cerco dos charruas, em 1749, para castigá-los pelos roubos de gado, ataque às estâncias e morte de milicianos em Domingo Soriano, San Salvador e Víboras. Os soldados de Santa Fé, auxiliados por índios de Japeju, receberam ordens de passar os infiéis pelo fio da faca e de tratar como prisioneiros de guerra todos que se entregassem.³

Os espanhóis ocuparam os rincões existentes no Rio Negro e

seus afluentes, tocando os índios infieis cada vez mais para o norte, ao encontro dos missioneiros.

A execução do Tratado de Madrid, com a movimentação de tropas lusas e espanholas uniu os pampeanos aos índios cristãos, formando a resistência contra os invasores. Inicialmente os charruas participaram com os gaúchos na coureama da estância de Japeju. Em 1752 os missioneiros surpreenderam e mataram 2 espanhóis, 1 chaná e 1 minuano, prendendo 3 espanhóis, 4 negros e 9 infieis.⁴

Quando os charruas atacaram e roubaram os cavalos do Marquês de Valdelfrios, os japejuanos abrigaram os ladrões.

Em 1751 e 1752 partidas de índios missioneiros, comandadas por espanhóis, atacaram os charruas no rio Queguai, onde se encontravam as manadas de éguas chimarronas.

Durante as tentativas de transmigração dos Sete Povos, o caçador D. Gaspar Cossero, com seus charruas, não permitiu que os luisitas mudassem sua missão para o Aguaguai. Receberam tabaco, erva-mate, ponchos e guisos, mas não permitiram a fixação dos luisitas. Nesta trégua temporária, raptaram mulheres charruas que se converteram ao cristianismo. Somente os japejuanos com presentes conseguiram acalmar os charruas, minuanos e guenoas, tratando-os como parentes. Em Corrientes circulou boato de que os infieis revoltados eram guaranis disfarçados e que as autoridades deveriam destruir os Sete Povos, distribuindo suas terras aos espanhóis.⁵

O corregedor e o cabildo de Japeju, não aceitando mais a autoridade dos jesuítas, permitiram que os mboanes, iarós, guenoas e charruas se abrigassem em sua estância, em 1753. Os minuanos receberam abrigo na estância de Santo Ângelo, junto ao rio Ibicui, mas continuaram causando danos à estância de S. Miguel.

Em 1800 D. Joaquin de Soria procurou conter os **malones** dos charruas e minuanos às estâncias do departamento de Japeju.

Durante a guerra guaranítica, 200 índios infieis lutaram ao lado do exército missioneiro contra os lusos e espanhóis.

O governador D. Félix de Azara, ao fundar a vila de S. Gabriel do Batobi, expulsou os portugueses que ocupavam estas terras desde Santa Tecla. Relatou que teria avançado mais para o norte se não fosse embaraçado pelos índios minuanos e charruas, po-

que fosse jurada a nova Constituição, depois de aprovada pelo Império do Brasil, conforme a Convenção de 1828. Realizadas as eleições, Frutuoso foi eleito como o primeiro presidente constitucional da República Oriental do Uruguai. Sua gestão desenvolveu-se com fortes oposições políticas.

Em 1830 o governo esboçou um plano de eliminar os índios charruas que sobreviviam em um território restrito junto ao rio Quaraí, praticando **malones** nas estâncias vizinhas. Em 1831 atacou seus toldos, matando os principais chefes e aprisionando os que não conseguiram fugir para o lado brasileiro. O governo uruguaio fez doação da índia Guyunnusa, do chefe Viamacá Peru, do curandeiro Senaque e do domador Tecuabé ao francês F. de Curel, que os exibiu em Paris como os últimos remanescentes de uma raça. Suas máscaras e bustos ainda se conservam no Museu de História Natural de Paris.⁸

O caudilho Juan Lavalleja revolucionou a zona rural com objetivo de depor o presidente Frutuoso Riveira. Estas lutas refletiram-se na fronteira do Brasil, através de roubos e assassinatos, num prenúncio de graves acontecimentos.⁹

Em 1832 era presidente da Província do Rio Grande do Sul, Manuel Antônio Galvão e Comandante das Armas o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. O comando da fronteira de Rio Grande, com quartel general em Cerrito, hoje Jaguarão, pertencia a Bento Gonçalves da Silva e o comando da fronteira de Alegrete, a Bento Manuel Ribeiro.

No mês de junho de 1832 os índios de Bella Unión se revoltaram contra Frutuoso Rivera, insuflados por Juan Lavalleja.¹⁰

O caudilho Lavalleja, compadre de Bento Gonçalves da Silva, obrigou brasileiros residentes no território ao norte da República Oriental do Uruguai a fazerem parte de seu exército revolucionário. Bento Gonçalves da Silva solicitou ao presidente Rivera que fossem garantidas as propriedades destes brasileiros.¹¹

O coronel Barnabé Rivera, irmão do presidente, seguindo o plano traçado pelo governo, atacou e massacrou os índios do povoado de Bella Unión.¹²

Barnabé Rivera deixou o major Nabajas comandando as tropas no povoado de Bella Unión e marchou, com um pequeno destacamento, junto com o tenente-coronel Pedro Bazan e o capitão Maximo Aria, em perseguição dos charruas que fugiam em direção

às nascentes do Arapeí. Acoçando os indígenas de perto, Barnabé não notou que sua montaria se distanciou dos companheiros, num galope frenético. Os charruas deram meia-volta e carregaram sobre Barnabé. Seus soldados fugiram. Os índios bolearam o cavalo do comandante oriental. Alguns soldados tentaram salvar o coronel, mas já era tarde, os charruas escaparam em direção ao rio Quaraf, levando o corpo de Barnabé. No campo restavam os mortos, entre eles, o tenente-coronel Bazan.¹³

O corpo de Barnabé Rivera foi atirado numa lagoa, para não ser encontrado pelos seus, conforme contaram os índios que se refugiaram em Alegrete.¹⁴

Com este gesto de extrema vingança, os charruas, que acreditavam em espíritos e enterravam seus mortos com complicados rituais, negavam ao inimigo implacável o descanso eterno.

Os índios com suas famílias buscaram abrigo no Rio Grande do Sul, procurando escapar da matança. São mais de trezentos índios, comandados por Mandijá, que se apresentaram a Bento Manuel Ribeiro. O comandante da fronteira do Alegrete acolheu os refugiados num acampamento provisório, junto ao arroio de sua estância. Depois, as mulheres e crianças, com índios desarmados, foram internados na vila de São Vicente, que teve origem num aldeamento guarani, distante 26 quilômetros de Jaguari. Quarenta charruas não entregaram as armas porque queriam continuar lutando contra Frutuoso Rivera. Estes foram levados para a Vila do Alegrete, obrigando Bento Manuel Ribeiro a requisitar reforço para sua guarnição. O rio Quaraf aumentou de volume, devido às chuvas, cortando as comunicações e livrando os índios de seus perseguidores. Na margem esquerda restavam índios mortos ou presos.¹⁵

O tenente-coronel Manuel da Silva Pereira Lago, comandante da Região Missioneira, em outubro de 1832, conduziu os índios refugiados em São Vicente para o Povo de São Miguel, de onde se espalharam para os outros povos das Missões. Remeteu ao comandante das Armas da província os índios oficiais de milícia: um capitão e dois tenentes. Segundo o tenente-coronel Lago, estes indígenas estavam habituados ao roubo e nada trabalhavam e as mulheres e as crianças, quase a maioria, poderiam se amoldar ao trabalho. Emissários de Frutuoso Rivera percorriam a província do Rio Grande do Sul para recrutar índios, escravos e vagabundos para seu partido.¹⁶

As tropas de Juan Lavalleja, após a derrota, também se refugiaram no Brasil. Bento Gonçalves da Silva, comandante da fron-

teira de Rio Grande, protegeu os emigrados uruguaios, permitindo-lhes conservar as armas e cavalhadas. Logo em seguida surgiu o boato de que brasileiros e castelhanos pretendiam surpreender a guarda de Jaguarão, iniciando uma guerra civil entre o Rio Grande do Sul e o Império do Brasil. As intrigas entre Sebastião Barreto Pereira Pinto e Bento Gonçalves da Silva iniciaram em outubro de 1832, com esta proteção dada às tropas de Lavalleja, e continuaram até a eclosão da Revolução Farroupilha, em 20 de setembro de 1835.

Pereira Pinto acusou Bento Gonçalves de estar em conluio com seu compadre e amigo Juan Lavalleja para, através de uma revolução anárquica, unir o Rio Grande do Sul ao Uruguai, separando nossa província do Império do Brasil.¹⁷

Frutuoso Rivera, em 1828, misturou índios guaranis das Missões Orientais com índios charruas em Bella Unión. Os documentos militares brasileiros, que se encontram no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, referem-se aos índios revoltosos como sendo charruas, sem citar os guaranis.

As parcialidades charruas, iarós, minuanos, guenos e guaranis, em sua luta comum contra o conquistador branco, adaptaram e fundiram seus costumes. O fato de os guaranis e charruas cavalgarem com lanças e boleadeiras, vestidos de poncho e chiripá, levou as autoridades militares brasileiras a classificarem os índios revoltosos de Bella Unión como charruas. Não conseguimos apurar se os quarenta indígenas que não quiseram largar as armas, pertenciam unicamente à parcialidade charrua e se as mulheres e crianças, conduzidas às Missões, eram somente guaranis, deslocados em 1828 por Frutuoso Rivera.

As fronteiras dos colonizadores se deslocaram com as sesmarias, povoados e cidades, diminuindo e eliminando os territórios onde se refugiavam os derradeiros índios infieis.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Depto. de História
Porto Alegre, Brasil.

-
- 1) ASSUNÇÃO, Fernando O. — El gaucho, su espacio y su tiempo. Montevideo, Monteverde, 1971, p. 292/3.
 - 2) CORTESÃO, Jaime — Tratado de Madri — Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1954, p. 311.
 - 3) CORTESÃO, Jaime — Antecedentes do Tratado de Madri — Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1955, p. 297/8.

- 4) Idem, p. 238.
- 5) Idem, p. 208.
- 6) CORTESÃO, Jaime — Antecedentes do Tratado de Madri — Rio de Janeiro, Bibl. Nacional, 1955, p. 452.
- 7) PINTO, Sebastião Barreto Pereira — Ofício de 21.7.1832 a Manuel Antônio Galvão, presidente da Província. Assuntos Militares, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. (AM-AHRS)
- 8) PACHECO e SANGUINETTI — História del Uruguay — Montevideo, Monteverde, 1971, p. 292/3.
- 9) PINTO, Sebastião Barreto Pereira — Ofício de 16.05.1832, a Manuel Antônio Galvão. (AM-AHRS)
- 10) PINTO, Sebastião Barreto Pereira — ofício de junho de 1832 a Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS,
- 11) SILVA, Bento Gonçalves da — ofício de 30.9.1832 a Frutuoso Rivera. AM-AHRS.
- 12) PINTO, Sebastião Barreto Pereira — ofício de 6.7.1832 a Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS.
- 13) BARBOSA, José Rodrigues — parte de 15.7.1832. AM-AHRS.
- 14) MORAES, Manuel Ribeiro — ofício anexo ao de 20.7.1832, de Sebastião Barreto Pereira Pinto ao presidente da província, Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS.
- 15) PINTO, Sebastião Barreto Pereira — ofício de 20.7.1832, a Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS.
- 16) LAGO, Manuel da Silva Pereira — Ofício de 16.8 e o de 2.10.1832 a Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS.
- 17) SILVA, Bento Gonçalves da — ofício apenso ao de 16 de dezembro de 1832 a Manuel Antônio Galvão, AM-AHRS.
PINTO, Sebastião Barreto Pereira — ofício de 29 de dezembro de 1832, a Manuel Antônio Galvão. AM-AHRS.